

Querida Mãe Mick,

Quando eu era mais nova, queria fazer parte de algo grande. Eu queria ser que nem aquelas meninas mais velhas que vieram na minha casa entrevistar minha irmã. Uma cursava direito e a outra enfermagem. Elas pareciam tão cheias de vida e tão independentes que minha cabecinha de sete anos na época ficou deslumbrada. A situação foi engraçada: imagine uma criança de sete anos fazendo o impossível para chamar atenção de duas garotas de dezenove, que tentavam fazer a sindicância da minha irmã mais velha. Elas tinham tudo para me achar uma pirralha deveras irritante, mas no final de tudo, elas só falaram: “Você tem espírito de Filha de Jó”.

Esse foi o meu primeiro contato com as Filhas de Jó Internacional. Na época, fiquei bastante brava com o fato de que teria que esperar até ter dez anos para ser uma Filha de Jó de verdade. Era muito tempo, poxa! E as moças falaram que eu tinha o espírito da coisa. Por que esperar tanto? E só ficou mais forte quando fui a uma reunião pela primeira vez. O templo parecia tão grande, as tiaras e coroas tão brilhantes, as vestes e as capas verdadeiramente esvoaçantes. Fiquei apaixonada, de verdade.

Após um longo tempo, iniciei na ordem. Minha irmã já fazia parte do Bethel há três anos, eu já estava familiarizada com as atividades. Reuniões, eventos, filantropias – já tinha participado de tudo isso. O que me encantava de verdade era a forma como as meninas se tratavam, como se fossem irmãs. A ideia de ter amigas novas me animava, e fazia com que meus esforços fossem intensificados.

O tempo foi passando, e para mim estava tudo bem. Eu era muito nova para entender certas coisas, não sabia me portar em diversas situações, era muito tímida. Fui crescendo, e, cada vez mais, novas responsabilidades eram acrescentadas a mim. Lembro da Guardiã do Bethel me chamar de Broto de Promessa. Me consideravam muito madura para minha idade, mas creio que ainda não tinha florescido em mim duas coisas importantes: sororidade e espírito de caridade.

Esses dois conceitos, na minha humilde opinião, foram a lição mais valiosa que todas nós poderíamos aprender. É engraçado: são as lições mais valiosas e mais simples que vão nos causar mais impacto. Cada uma veio em momentos diferentes, mas vieram como grandes surpresas.

A primeira surpresa veio quando eu tinha treze para quatorze anos, e se chama sororidade. A gente não sabe o que realmente é ser irmã até que precise ser. É meio clichê, para falar a verdade, mas aconteceu. E essa surpresa me trouxe muito mais do que o esperado: me trouxe novas irmãs e novas oportunidades. Trilhei novos caminhos, e fui muito bem acolhida. Agora, ao invés de uma, tenho muitas famílias que sei que me apoiariam em qualquer decisão que eu tomar.

Sororidade era um conceito novo. Mas uma coisa, aprendi de forma a nunca mais esquecer: a gente luta até o fim. Não tem jeito certo de ser irmã, não existe uma fórmula certa para o companheirismo. O importante é estar ali. O importante é o apoio, o respeito. O resto, a gente constrói. Somos irmãs, não importa onde estamos, não importa quanto tempo passe, o sentimento sempre será o mesmo.

E foi por isso que, nesse novo caminho, eu estava um pouco mais madura. Já tinha quinze anos, e não era mais uma criança inexperiente – bom, eu não sabia de nada, mas achava que sabia.

Fui muito bem acolhida. Sinto que minhas melhores amizades eu construí no Bethel, amizades que até hoje eu considero como especiais. Não era mais tão tímida, falava mais e pensava antes de falar. Um avanço, certo?

De novo, a lista de responsabilidades foi aumentando. Se me permite dizer, o cargo de Secretária foi realmente primordial para que eu aprendesse mais sobre responsabilidade. Me virei em peixe, gaivota e águia para fazer todos os afazeres, e sinto que poderia ter feito melhor.

Claro que cada posto tem seu charme. Capelã nos ensina a importância da reverência a Deus, as messageiras ensinam os encantos de ensinar, a musicista nos ensina a harmonia. Passei por muitos cargos, e, quando assumi um cargo eletivo, senti que estava preparada para o que estava por vir.

Já tinha assumido cargos eletivos antes, sabia o que precisava fazer. Entretanto, muito tempo havia passado e era a chance que eu tinha de tentar coisas novas. De novo, achava que estava preparada.

E foi por achar que estava preparada que veio a outra surpresa, essa chamada espírito de caridade. Como auxiliar essas meninas? Elas confiaram em mim. Tinha algumas coisas que eu queria trabalhar com elas, mas como fazer isso?

Demorei a aprender a como me conectar de verdade com cada uma delas. Elas têm idades diferentes, sonhos diferentes, realidades diferentes. Elas devem ser tratadas de formas diferentes, condizentes com a personalidade de cada uma.

Descobri que devo ser gentil e verdadeira com todas, ser imparcial, ser sensível e ao mesmo tempo firme. Devo ajudar minha Honorável Rainha a executar seus trabalhos, e devo ser o mais leal possível às minhas irmãs.

O equilíbrio é primordial. Devo ser uma base firme para que minhas irmãs se apoiem em mim e desenvolvam todo o seu potencial.

Porque o Bethel é um jardim. As filhas são como flores, que devem ser regadas e cuidadas, para que cresçam em direção ao sol. Não há Bethel sem a união e o trabalho das meninas.

Tudo o que fazemos enquanto Filhas de Jó é em direção à luz. É sobre fazer o bem, é sobre ser amparo, é sobre amor. É o amor que nos faz ser brotos de promessa, que nos faz florescer, que nos torna verdadeiras rosas. As Filhas de Jó me ensinaram muito mais do que eu poderia conseguir colocar em palavras.

Então, quando eu penso sobre minha trajetória, acho que aprendi muita coisa, mas que meus conhecimentos são pequenos comparados à grandiosidade de tudo que o Livro do Destino preparou para mim. Vou fazer nove anos de ordem em novembro, e espero continuar a trilhar meu caminho por mais longos anos. Sou uma eterna aprendiz, e parafraseando Walt Disney, sou curiosa, e a curiosidade continua me conduzindo por novos caminhos.

Com muito amor,

Um broto de promessa que ainda está florescendo.